

Ainda em 1964, uma outra novela, iniciada em dezembro e estendendo-se até fins do ano seguinte terminaria por consagrar definitivamente o gênero: tratava-se da reedição de um velho sucesso do rádio, *O Direito de Nascer*, lançado originalmente em São Paulo, através da Rádio Tupi, em janeiro de 1951. O sucesso alcançado pela versão televisiva da novela de Félix Caignet, adaptada por Talma de Oliveira e transmitida pela TV Tupi, chegou a modificar a vida da cidade, fenômeno que ocorreu também no Rio de Janeiro, onde ela era apresentada pela TV Rio. Festas, jantares, reuniões, leilões, cerimônias oficiais, passaram a ser marcadas para depois da transmissão do capítulo.

Com seu novo caráter diário, bem dosada com as técnicas de suspense no final de cada capítulo — fórmula do antigo folhetim — a novela tornava-se pouco a pouco uma obsessão para o telespectador que passava a ter necessidade de assistir à continuação da história. Era o que interessava às emissoras.

Tradução de textos sobretudo argentinos, adaptados e espichados conforme a receptividade obtida, a telenovela, para se manter no ar, atraía grande parte do elenco pertencente à emissora, em prejuízo do teleteatro, pois os atores quase não dispunham de tempo para participarem destes programas. Além disso, começava-se a perceber que a telenovela, embora muito mais custosa do que um programa de teatro, tornava-se mais interessante para a emissora em razão desse mesmo custo de produção se diluir no número de horas de programação que cobria e a audiência alcançada, esta evidentemente maior que a do teleteatro, o qual sempre tivera um caráter mais erudito e um público mais selecionado.

Além disso, as séries enlatadas — o filme estrangeiro — vinham ocupando cada vez mais os outros horários da programação das emissoras, pondo em crise os programas de estúdio.

Novela e filme apoderavam-se do vídeo, determinando uma modificação, aceita pelo próprio público telespectador.

Apesar disso, o teleteatro subsistia. Dentre os espetáculos apresentados pelo TV de Vanguarda no período de janeiro a maio de 1965, destacaram-se:

- O Marechal, de Karel Kopeck, com Henrique Martins (papel-título), Angelito Nelo, Guy Loup, João Monteiro, Jovelthi Archangelo e Percy Aires (24.1.1965);
- Crime nas Ruas, de Reginald Rose (já encenada anteriormente por Walter George Durst, em 1957), com Henrique Martins, João Monteiro, Sérgio Galvão, Clenira Michel, Rui Rezende, Carlos Buck e Jean Carlo (21.8.1965);
- Society em Baby Doll, de Abilio Pereira de Almeida, com Juca de Oliveira, Rildo Gonçalves e Laura Cardoso (4.4.1965); (Foto 25)
- O Homem que Vendeu a Alma, de Stephen Vincent Benét, com Altair Lima, Eduardo Abas e Rita Cleós (provavelmente em 18.4.1965);
- Um Jogador, de Dostoiévsky, com Juca de Oliveira, Rildo Gonçalves, Laura Cardoso e Percy Aires;
- Os Quatro Filhos (Filomena Marturano), de Edoardo de Filippo, com Wanda Kosmo, Clenira Michel, Patricia Mayo e Rildo Gonçalves.

Em julho do mesmo ano, a revista São Paulo na TV, numa pequena reportagem sobre o programa, escrevia a propósito do aniversário do TV de Vanguarda:

“Muita coisa já foi dita e escrita a respeito deste programa, que parece ser no momento, um último baluarte que defende com unhas e dentes, a chama inabalável do Teatro em TV. O TV de Vanguarda completa este mês, quatorze anos de existência. (66) Como pode um programa de TV se manter durante quatorze anos consecutivos, atravessando bons e maus períodos de nossa televisão estritamente comercial? A única resposta possível é contida na palavra coragem. Coragem tem o produtor Benjamin Cattán em apresentar um repertório que se não é totalmente de vanguarda, é o que apresenta qualidades tão excepcionais que, às vezes, fica-se espantado com a ousadia e seu destemor em impor ao grande público textos difíceis. Mas o resultado está patenteado: o programa recebe tanta correspondência quanto as novelas; obteve no ano de 1964 todos os prêmios conferidos pela crítica especializada, inclusive como ‘o melhor programa do ano’. O autor nacional tem sido uma das preocupações do produtor Benjamin Cattán, tendo realizado este ano o Primeiro Concurso de Peças Nacionais, vencendo Oduvaldo Viana Filho, com a peça *O Matador*; Osman Lins, com *A Ilha no Espaço*, e Plínio Marcos (já revelado no próprio TV de Vanguarda) com a peça *Estória de Subúrbio*. Novo concurso será instituído este ano, procurando outros valores e inclusive uma promoção em separado que atenda somente a autores novos, inéditos. Para este ano, no setor internacional, Benjamin Cattán prepara, entre outros: *Rinocerontes*, de Ionesco; *Édipo Rei*, de Sófocles; *Othelo*, de Shakespeare; *Esperando Godot*, de Becket. Entre as nacionais, evidentemente as três premiadas em seu concurso, uma versão afro-brasileira de *Macbeth*, que se chamará *Macabó*; *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes; uma nova versão aumentada de *Pedro Mico*, de Antônio Callado; *Terras do sem Fim*, de Jorge Amado, e outras. Comemorando o seu décimo quarto aniversário, Benjamin Cattán preparou durante dois meses, a famosa obra de Jean Anouilh, *O Canto da Cotovia*, de Joana D’Arc, tendo sido convidada para representar a famosa figura heróica, Berta Zemel, atriz de enormes recursos; Elísio de Albuquerque, Percy Aires, Sebastião Campos, Rildo Gonçalves, Sérgio



(Foto 25) Augusto Machado de Campos Neto e Laura Cardoso em Society em Baby Doll (4.4.1965).
TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo

(66) Equívoco da revista, pois o programa completava 13 anos.